

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS – UNIS/MG
COMUNICAÇÃO SOCIAL COM ENFÂSE EMPUBLICIDADE E PROPAGANDA
MATHEUS RAIMUNDI PEREIRA

N. CLASS.	Q70.9072
CUTTER	P 436 v
ANO/EDIÇÃO	2017.

**A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA ESTÉTICA RITUAL DAS NARRATIVAS
CONTEMPORÂNEAS**

Varginha
2017

MATHEUS RAIMUNDI PEREIRA

**A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA ESTÉTICA RITUAL DAS NARRATIVAS
CONTEMPORÂNEAS**

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social com ênfase em Publicidade e Propaganda do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS/MG como pré-requisito para obtenção do grau de bacharel, sob orientação do Prof. Marco Antônio Nogueira Azze

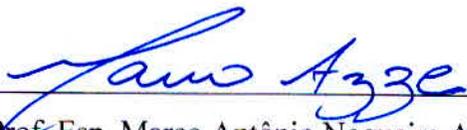
**Varginha
2017**

MATHEUS RAIMUNDI PEREIRA

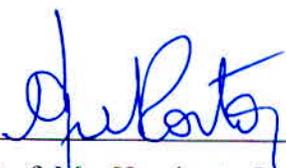
**A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA ESTÉTICA RITUAL DAS NARRATIVAS
CONTEMPORÂNEAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda do Centro Universitário do Sul de Minas Gerais - UNIS/MG como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharel, sob a orientação do Professor Marco Antônio Nogueira Azze

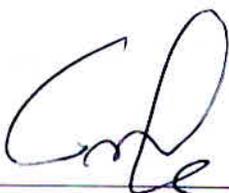
Aprovado em 06/10/2017



Prof. Esp. Marco Antônio Nogueira Azze



Prof. Me. Humberta Gomes Machado Porto



Prof. Dr. Terezinha Richartz

AGRADECIMENTOS

Aos que estiveram próximos ou distantes (de alguma forma presentes), aos que me ajudaram e aos que me inspiraram, meu mais sincero obrigado - vocês sabem quem são.

“Dou valor às coisas, não por aquilo que valem, mas por aquilo que significam” – Gabriel García Márquez.

RESUMO

A monografia “A violência simbólica na estética ritual das narrativas contemporâneas” discorre sobre um contexto teórico, mas sem se prender à visão de um autor específico. Nessa abordagem, a violência simbólica é entendida como *coisa* que se exerce por articulações sociais, causando danos psicológicos e morais, forçando determinado indivíduo adequar-se a padrões *normais e anormais*; em detrimento de crenças, a partir de um discurso dominante que detém poder simbólico. Os conceitos de *Riscos* e *Traum* serão aqui tratados de uma forma *mais* pessoal, analisando relatos de pessoas inseridas na profusão sociológica debatida ao longo do trabalho. Através de uma ótica embasada pelo pensamento de Foucault, as narrativas contemporâneas e a constante sensação de *não-pertencimento* serão analisadas no excesso de exposição retratado nas *narrativas*, analisando o consumo de uma violência e de uma estética/ética para se encaixar/*consumir* em um específico *imaginário*. Tal ideia trafega na contramão da abordagem costumeira e averiguada desse problema, uma vez que, a priori, a concepção tende a um caráter quantitativo ou moral. Aqui, manifesta-se uma percepção política, em consonância com a estética e ritual da relação do indivíduo, ansiando entender sua subjetividade. Tece um caráter individual nas narrativas, almejando compreender a imanência das relações, apesar de todas as variáveis que surgem em meio aos meios de consumo e como as pessoas enxergam suas fissuras/experiências que viveram.

Palavras-chave: Narrativas. Estética. Imaginário. Consumo Simbólico.

ABSTRACT

This research "The symbolic violence in the ritual aesthetic of the contemporary narrative" talks about a theoretical context, but it isn't only a vision of the specific author, in that approach the symbolic violence is understood as a thing that is done by social according's, cousin psychologic and moral damages, forcing such individual to adapt to normal and abnormal; against beliefs starting from a dominant speech that keeps symbolic power. The concepts of risk and traumas are going to be treated as a more personal form here, analyzing stories of ordinary people inserted in the sociological profusion debated over this search. Throughout a vision based on the Foucault's thought, the contemporary narratives, and the stead sensation of non-belonging are going to be analyzed with excessive exposure showed in those narratives, analyzing the consumption of violence and aesthetic/ethic to fit in/consume in an imaginary specific. Such idea goes through against the normal approach inquired those problem, at first a conception tend a moral or quantitative character, here it is shown a policy perception according to the aesthetic and ritual of the individuals relation willing to understand his own subjective. Making a personal character in the narratives seeking out to understanding the immanence of the relations although all the possibilities that rise in the middle of the means of the consumptions and how peoples see the hurts/experience they have lived.

Keywords: *Narrative. Aesthetic. Imaginary. Symbolic Consumption.*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 PRIMEIRA ABORDAGEM	10
2.1 Exposição (Riscos e Traumas) e Sexualidade	10
2.2 Riso aconselhado, mentalidade narrativa e tradições.....	16
3 SEGUNDA ABORDAGEM	21
3.1 A violência contra si e o discurso do normal e do anormal.....	21
3.2 Cotidiano Estético	26
4 CONCLUSÃO	32
REFERÊNCIAS	33
ANEXOS	35

1 INTRODUÇÃO

Ricos, traumas, narrativas contemporâneas, imaginário e experiência estética são conceitos que aqui serão observados a partir de sua manifestação em produções/obras, essa proposta é pensada no ímpeto de perceber que o modo e a escolha que os indivíduos consomem determinada produção, em sua perspectiva narrativa, cria um *novo modo* de habitar o tempo que singulariza as culturas ocidentais contemporâneas.

Essa ideia a princípio é percebida pelo indivíduo normal assimilando que o *excesso* de exposição surge a partir das construções narrativas de sucesso predominante em diversas obras, surge então um imaginário com a ideia de melhorar a vida das pessoas a partir de produções simbólicas. Tal concepção é presente na publicidade, no design, tv, etc., mas particularmente na *publicidade*, pensada aqui como manifestação simbólica de uma subjetividade agregadora e *consumista* dentro de um imaginário coletivo, entretanto, particularmente se comporta de modo que pretende sempre vender, mas vinculada a uma ética pulsante mesmo que esquiva em tais relações.

Essa hipótese tem como ponto de partida a análise de como os meios de comunicação participam da produção da subjetividade contemporânea ao construírem procedimentos de identificação entre audiência e o sofrimento narrado configurando um novo modo de *produção de subjetividade* a partir de um relato, notícias, obras e etc. A proposição ontológica, que é relativa a si mesma, configura na ótica de Foucault como um nominalismo histórico, pretende aqui propor que toda ação humana intencional é uma ação sob descrição, portanto diante de uma *representação* da exposição, sexualidade ou do normal/anormal a interpretação assumida pela proposta não é em relação a outras representações possíveis, mas na defesa de uma percepção individual/estética.

A primeira abordagem discorre sobre os conceitos de exposição e risco, o relato de Amanda seguido de uma abordagem sobre o fenômeno da sexualidade e a transição no discurso de Foucault. Seguido, numa vertente ensaística, é analisada uma notícia popular na internet, trazendo os conceitos das narrativas contemporâneas da produção simbólica. Na segunda abordagem é analisado o discurso da violência simbólica, sem se prender ao conceito primário que permeia o tema, discorre-se sobre o relato de Paulo, e retomando mais aprofundado, embasado por Foucault, sobre o normal e o anormal. No capítulo de fechamento, também numa vertente ensaística, o cotidiano estético, é analisada uma obra e os conceitos sobre educação e motivação são abordados.

2 PRIMEIRA ABORDAGEM

2.1 Exposição (traumas, riscos) e Sexualidade.

O conceito de *exposição* está análogo às redes sociais e a mídia, essa observação apresentará um aspecto distinto nas relações sociais ao longo dessa primeira abordagem, tal aspecto é percebido como *algo* que se assemelha a um tipo de ritual, esse *algo* que vem trazendo pessoas a se exporem e vir a público dizer que, antes de se tornarem autoconfiantes e admiradas pelo seu ciclo social, tiveram que resistir e superar as mais diversas formas de repressão da autoestima. Surgem relatos de depressão, fobia social, etc. Que são mazelas ligadas a baixa autoestima, portanto, através desses relatos a autoestima é apresentada como aquilo que todos deveriam “ter”.

Amanda (nome fictício) teve fotos íntimas vazadas na internet por seu ex-namorado, como resultado foi vítima de bullying e começou a receber mensagens particulares oferecendo dinheiro em troca de favores sexuais, e somente depois dessas mensagens que veio a ter ciência que suas fotos estavam na internet. Parte das pessoas que a abordava nas redes sociais eram conhecidos que estudavam em sua escola, e o que motivou tais mensagens, além das fotos vazadas, foi um boato dizendo que Amanda era garota de programa.

Escondeu-se por dias, bloqueou tais pessoas e esperou que tudo passasse naturalmente, coisa que não aconteceu. Amanda pensou em abandonar a escola, mudar de cidade, Estado e *diversas vezes pensei no suicídio, me contive por amor a minha família. Tentei me colocar no lugar deles... mas grande parte do que fiz depois disso foi por raiva, estava furiosa, e muitos me apoiaram nessa decisão.* Foi ajudada por um grupo no facebook que contava com alguns membros, dentre esses, mulheres que já tiveram fotos vazadas.

Amanda fez um tipo dedossê acusando seu namorado. *Queria te contar que eu pensava que a exposição dele ajudaria outras meninas, assim como fui ajudada, mas eu odeio me fazer de vítima, apesar de ter sido, tinha total consciência do que estava fazendo, queria que ele pagasse de alguma forma, eu tinha prints, conversas de tudo, sabiaque era a coisa certa a se fazer.* Amanda tinha diversas coisas que davam veracidade a sua acusação. Fez um boletim de ocorrência depois que seus pais souberam do ocorrido, e de seu namorado ter feito ameaças. *A pior parte foi contar aos meus pais, eu fui tão julgada... muito...apanhei, meu pai não falou comigo por meses, me sentia triste, mas também com raiva de tudo, meses e meses*

¹ A transcrição do relato de Amanda está em itálico, respeitando sua opinião e história. O termo de consentimento assinado está disponível para consulta.

e nada parecia diminuir. Os policiais... nossa cidade é pequena... eles não ligaram, disseram que eu era culpada por ter enviado as fotos, sequer foram falar com meu ex-namorado, o boletim serviu mesmo para tirar uma foto e colocar na internet, como eu já estava fazendo com outras coisas.

Anos se passaram desde o ocorrido e Amanda ainda precisa lidar com mensagens em seu facebook. *É e foi simplesmente nojento, não consigo compreender o que passa na cabeça dessas pessoas, eu sinto que isso amenizou comigo, e com as meninas que mantenho contato daquele grupo, principalmente por causa de séries, youtubers e da tv que vem abordando o assunto e tentando combater, mas como muitos dizem, isso acontece no meio que eu vivo, então é o que enxergo, sei que há milhares de mulheres sofrendo disso e que muitas ainda irão sofrer, e só porque não vejo, não quer dizer que não acontece, é um sentimento de impotência terrível, principalmente tendo vivido isso.*

O que a motivou deixar sua história pública na época, além da vontade de ajudar outras meninas, é que tinha uma admiração por Demi Lovato, cantora e atriz que teve suas fotos vazadas na internet, pouco tempo antes do ocorrido com Amanda. *Quando Demi teve suas fotos vazadas... bom, eu a acompanhava e vi como ela sofreu, uma pessoa pública, eu imaginava a repercussão e como estaria a vida dela. É estranho falar, mas me senti feliz ao saber que ela estava superando, não sei... parece bobo dizer assim, mas meu sentimento foi de afinidade, e cresceu muito minha admiração por Demi como artista. Sabe... é semelhante à sensação de ler um livro de um lugar que você conhece, é muito diferente quando você lê de um lugar que você não conhece, eu sentia isso com o trabalho não só da Demi, mas também da Rihanna, Jeniffer Lawrence e da Vanessa Hudgens.*

Há muitos desdobramentos no relato de Amanda, e o que motivou ter realizado tal conversa é principalmente que a análise aqui feita não visa generalizar seu discurso, ou partir para análise quantitativa a fim expor os ricos de uma forma concisa, preventiva e superficial do ocorrido. Aqui a pretensão é uma discussão mais pessoal e crítica do problema. Há um viés importante para compreender o que motiva esse evento que aconteceu com Amanda, e como a mesma fala, o que aconteceu com ela também acontece com diversas outras pessoas. Parte desse problema advém da sexualidade, da exposição e objetificação da mulher somado ao preconceito que culturalmente carregam; o conceito de Risco² e o impacto disso tudo nas

² Ao longo do texto algumas palavras serão encaradas em um sentido um pouco mais amplo que seu significado, pois o que interessa aqui não é o significado literal, mas sim a interpretação do conceito, portanto, para identificar tais palavras elas estarão com letra maiúscula, itálico ou entre parênteses.

narrativas contemporâneas, com uma variável da celebridade vítima, precisa de um ponto de partida para analisar tais desdobramentos.

E é no primeiro volume da História da Sexualidade de Foucault (1976) que seu pensamento percorre a sexualidade como fenômeno discursivo, é notório seu desejo de ir à contra mão da forma predominante de se falar sobre sexo, entretanto, entende que a sexualidade aparece como objeto de discurso, imagina uma trama discursiva a cerca de sua história específica e sustenta outros valores determinados. Resultado disso: No ocidente a sexualidade foi encarada como a personificação da imperfeição da natureza humana. Tal visão acética que costuma associar-se, sobretudo ao cristianismo, são as paixões do corpo, o desejo sexual, etc., por mais paradigmática que sejam tais situações são elas que nos afastariam do “verdadeiro eu”, tais pulsões impediriam aos bens materiais e bens do corpo servissem para a salvação e detrimento do espírito, e conseqüentemente de uma aproximação de Deus, portanto, para alcançar o bem, logo se deve reprimir a sexualidade.

Continuando em Foucault (1976), tal ideologia começa ser amplamente questionada, e na virada do século XIX pro XX certa ideia que se dizia “verdadeira” sobre o sexo começa ganhar corpo, então, uma visão que entende o erótico como “fator revolucionário” conquista espaço. Cabe dizer que essa não é diretamente a visão de Foucault, estando ligada a Wilhelm Reich (1887-1957), mas aqui a interpretação é ancorada em Foucault (1976), nessa visão, as regras sociais interiorizadas que promovem a repressão sexual passam a ocupar o lugar das mazelas no espírito humano, que anteriormente eram ocupadas pela repressão a sexualidade. Bastaria nos livrarmos dessa repressão, expondo a vida sexual, para alcançarmos certa liberdade defendida na época.

Foucault (1984) continua tal discussão com a publicação do segundo volume da História da Sexualidade, essa ideologia revolucionária que havia guiado parte da contracultura e imaginário da década de 60 foi trazida novamente em discussão por Foucault, e o autor oferece uma crítica a tal visão, porém, não é feito em prol da visão anterior, e também está longe de ser um meio caminho, Foucault oferece outra perspectiva do problema, através da qual parecem as duas visões, superficialmente opostas, mas que se baseiam em estruturas e pressupostos muito semelhantes. Para começar as duas visões promovem uma verdade sobre o sexo, de modo que funciona de propaganda para dissipar moedas sociais em seus respectivos ciclos, não foi dentro do cristianismo que tomou forma e ganhou importância a prática confessional? Na qual se espera que a vida sexual do religioso em questão fosse narrada em detalhes? Exposição. Melhorar pressupõe a crença de uma versão ideal dessa

coisa, uma vez que melhorar nada mais é do que aproximar algo do que se considerada ideal. Sem esse ideal a ser utilizado como norte, não haveria “melhoria”, não haveria “inovação”, apenas mudança.

De forma negativa, ou positiva, duas visões associam o sexo à redenção. Na pregação cristã, o sexo afasta a redenção, então, Foucault (1984) explica que o discurso erótico revolucionário também se expõe em forma prédica, um novo tipo de pregação, tendo invertido os valores, tal distorção, quer fazer com que continuem acreditando na salvação, nas palavras de Foucault uma “outra Cidade”, fazendo referência a Santo Agostinho. Se não se trata mais da Cidade de Deus em oposição à dos homens, agora teríamos a Cidade do sexo livre que se oporia Cidade repressora. Mudam as características, mas continuam acreditando em uma Cidade e no Poder do sexo de corromper ou salvar, o discurso do poder, não está na mão daqueles que se revolucionaram, mas sim naqueles que usam o sexo como moeda.

Tecendo um ponto importante nessa metade, e partindo para as narrativas, de um lado há um grande número e diversidade de afetados e, de outro, o fato de ser muito recente essa estruturação de *fragmento narrado* nas redes sociais, pois há tantos famosos que afirmam terem sofrido bullying, obstáculos, mas há uma construção narrativas dessas “torturas modernamente narradas”. Não cabe julgar se as celebridades estão de fato lembrando-se de algo que vivenciaram ou inventando experiências para angariar simpatias, cabe aqui pensar *a emergência de um lugar estrutural* para narrativas autobiográficas de sofrimento e como essas narrativas participam ativamente de um novo modo de produção de subjetividade.

As narrativas das celebridades são requisitadas quando o indivíduo teme que seu desejo seja negativamente julgado pela sociedade, então, vai lá e “compra” uma boa narrativa que já aconteceu com determinada celebridade, se apropria dela, e assim é mais fácil para os outros aceitarem a fissura que anteriormente tinha sido causada no imaginário inquisidor, que certos momentos chegam perto de sacrificar uma pessoa que se expôs demasiadamente, mas o filtro da celebridade funciona parecido com o perdão do padre, fica confortável por algum tempo, o desejo foi reprimido, explicado e perdoado, por enquanto. Com uma abstração narrativa a figura da celebridade hoje rica, bela e poderosa, mas que teve que superar seus preconceitos, situações de exposição, etc. define diretamente o modo que o indivíduo que experiência tal narrativa deve se pensar, Foucault (1974) quando um indivíduo se ver diante de obter mais prazer, irá situar seu desejo e seu ser entre, de um lado, os famosos que aparentam ter muito prazer e que superam toda a onda de violência simbólica empregada a eles, e de outro lado, os diversos preconceitos que querem limitar dentro do imaginário que

habita e consome o direito de ter prazer como bem lhe aprouver, se julgando, julgando o outro, etc..

Feyerabend (1976) quando estuda padrões racionais seus os argumentos dão lastro para partes visíveis do estudo das *tradições* constituindo princípios claros e explícitos, e em um plano de fundo não percebido e por demais desconhecido, mas absolutamente necessário de disposições para *ação e julgamento* de determinados imaginários coletivos. Os padrões tornam-se medidas “objetivas” de excelência quando adotados pelos participantes de tradições dessa espécie. Temos então padrões racionais “objetivos” e argumentos em favor de sua validade. Ademais há outras tradições que também levam a juízos, embora não com base em padrões e princípios explícitos. Esses juízos de valor têm um caráter mais “imediato”, mas ainda são avaliações. Os juízos são efetuados por indivíduo que participam de tradições para separar o “Bem” do “Mal”, então Feyerabend afirma que as tradições não nem boas nem más, elas simplesmente são.

Para Feyerabend (1976) toda tradição tem modos especiais de ganhar seguidores e algumas tradições refletem acerca desses modos e os mudam de um grupo ao próximo. Outras tomam como dado que há somente uma única maneira de fazer as pessoas aceitarem suas concepções. Dependendo da tradição adotada, essa maneira parecerá aceitável, risível, racional, tola, ou será colocada de lado como “mera propaganda”. Na visão do autor argumentação é propaganda para um observador, a essência do discurso humano para outro. Os exemplos de Feyerabend estão mais ligados à filosofia da ciência; voltando a Foucault.

Que disserta sobre distâncias do anormal e do preconceito, para o Foucault (1974), ambas requerem identificações, seja positiva ou negativa, portanto, ao conceituar a subjetividade contemporânea seu pensamento alerta uma moralidade hegemônica, nessa concepção significando preponderância de uma coisa sobre outra, ousa ao dizer que o que configura uma doença mental não é sexualidade desviada, e sim, o preconceito. A violência contra a mulher ao longo da história trouxe prejuízos sem tamanho para sua figura na sociedade, o preconceito contra homossexuais na modernidade trouxe que a diferença de comportamento desses indivíduos configurava uma doença mental a ser tratada, que perdurou sua máxima nos anos 80; avançado essas concepções para uma visão mais atual, mas ainda carregada de violências passadas, no transtorno de identidade de gênero, é o preconceito que faz o indivíduo adoecer, é também a violência simbólica que prejudica e mata mulheres.

Ancorado novamente por Foucault (1976) conceituar essa mudança na forma de produção de subjetividade tem a função de aprofundar a intensa discussão social e acadêmica

sobre características marcantes das culturas ocidentais contemporâneas, o direito a felicidade e a produção de consumidores. Distanciar a cultura do preconceito não ensina à limitação e sim, o direito a felicidade, ter prazer, e realizar seu desejo. De modo que não mais se produziria um corpo dócil e trabalhador eficaz economicamente, submisso politicamente e que não se rebela contra a exploração da mais-valia.

É necessário conceituar experiência e por mais abstrato que seja tal ideia, Foucault (1988) ajuda a compreender tal anseio como uma correlação entre domínios de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade. Funciona como a distinção entre o verdadeiro e o falso, da separação, portanto, dos saberes presumidamente válidos daqueles que seriam infundados, e que uma cultura diferencia entre certo e errado, o permitido e o proibido, a virtude e o pecado, o normal e o patológico. Essa segunda separação, entre ações certas e erradas, constitui, por sua vez, a base a partir da qual um indivíduo descreve e avalia sua conduta, atribuindo sentido e valor sobre o que ele é faz e pensa.

Dois anos antes da publicação d'O Uso Dos Prazeres, no artigo O Sujeito e o Poder (1982), Foucault indica um jeito de se pensar à classificação entre normal e anormal de um ponto de vista *interno*(que se situa dentro dos limites de uma área, nesse caso, a história da sexualidade). Ao comentar as práticas de divisão, propõe que o sujeito é dividido no seu interior e em relação aos outros, esse processo o classifica, exemplos: O louco e o são, o doente e o sádico, os criminosos e os bons meninos. O que interessa aqui é debater a dita "ética pulsante" nesse tipo de violência, por isso se cria uma espécie de divisão, para salvar os "bons", para ensinar o discurso moral para os anormais, pois para que esse tipo de violência simbólica exista, precisa primeiro ser hierárquica, anormal valendo menos, muito menos que o normal. O anormal incorpora, da sentido em um tipo de existir, e uma série de práticas desviantes, proibidas, tentadoras, portanto ajuizadas no sentido doentio do termo, fazem com que os *anormais* se tornem objeto de desprezo e temor, pois desejavam tudo que as culturas ocidentais modernas indicavam que não se deve desejar. Por serem a incorporação de determinados desejos desviantes e alvos de desprezo social o anormal condensa sua figura no desvio e o meio concentra sua vontade na sua punição, para adequá-lo de novo ao normal.

Os meios de comunicações passam a produzir quase de maneira autônoma as narrativas das celebridades, como se a história ganhasse corpo sozinha em virtude de tantas divergências no normal e anormal. As narrativas estruturadas pelo conceito de bullying configuram apenas uma das formas que os indivíduos, hoje, afirmam nos meios de comunicação que foram vítimas de violência simbólica e tiveram seu direito à felicidade

negligenciada ou prejudicada. Essas narrativas autobiográficas são mais bem caracterizadas como testemunhos rituais do que como confissões, é fato que acontecem e foram intensificadas no que hoje precisa ser entendido como espaço público, ou seja, as redes sociais. O sujeito *anormal* nesse sentidão é o indivíduo que faz ou deseja, como seria encarado no passado, negando-o e não o vendo como vítima, com a produção de seu relato demorando-se na descrição de sua *experiência de sofrimento*, somando outros relatos a ele, buscando alternativas numa espécie de ritual de narrativas para dar veracidade ao seu relato; isso mostra que a verdade desse discurso não se fundamenta mais no discurso científico, mas, na exibição do sofrimento e da sinceridade; formas de legitimação já reconhecidas nesse novo *espaço* (internet).

2.2 Riso aconselhado, mentalidade narrativa e tradições.

Se rir é o melhor remédio, talvez rir de si isente o uso de qualquer remédio, para quem apreende e interpreta a existência de uma perspectiva mais singela e individual, percebe a imanência das relações e talvez não se tome com grandes ares, para esse sujeito parece ser mais fácil não se fechar ao outro, ao diferente. Não parece possível se levar a sério quando se pretende uma convergência total com a realidade; quando se reconhece as fissuras e a invenção, o riso funciona como uma tendência que leva a compreender o mundo com outra perspectiva.

Bakhtin (1987) diz que o verdadeiro riso, aquele é ambivalente e universal, não recusa o sério, ele purifica e completa. O dogmatismo é purificado do caráter unilateral, da esclerose e do fanatismo, e também do espírito categórico, dentro disso estão os elementos de medo ou intimidação, do didatismo, da ingenuidade e das ilusões, de uma nefasta fixação sobre um plano único, do esgotamento estúpido. O riso impede que o sério se fixe e se isole da integridade inacabada da existência cotidiana. Ele restabelece essa integridade ambivalente.

Exploremos uma ideia de *narrativa contemporânea* que foi uma declaração bastante famosa de Rafinha Bastos, sobre a cantora Wanessa Camargo, que teve muita repercussão na internet, o comentário foi “comeria ela e o bebê”, após outro apresentador ter falado que Wanessa estava grávida, entretanto, a mesma esperava um filho de um dos patrocinadores do programa – Bastos se recusou a pedir desculpas pela declaração; no decorrer da notícia ainda há outras declarações de Bastos chamando a apresentadora Daniela Albuquerque de “cadela”. Em outra o apresentador diz que “mulheres feias deveriam agradecer por serem estupradas”, o

que motivou uma investigação do ministério público, não deu em nada, Bastos também não se manifestou nem pediu desculpas.³

O riso que o comediante deseja despertar pretende autodenominar “incorreto” e subversivo, entretanto ele fala apenas da aparência. É percebido que anseia uma possibilidade de subversão, porém com a imanência do discurso se mostra em uma metáfora de Laerte sobre um papagaio⁴ preso em uma gaiola, ouvindo seus donos xingando, repete as palavras, seus donos riem, o papagaio continua preso, tendo que repetir o insulto de seus donos em troca de comida. Repetindo as construções simbólicas e linguísticas, que o mesmo dispõe socialmente para se arranjar, enfim, usa de discursos bem coerentes com a forma de funcionar do cativo, se é comédia ou não, não importa, mas o ritual que isso gera é complexo e pode ser analisado e discutido, principalmente, pois envolve uma tradição, e uma nova tradição, a tradição do comediante nas redes sociais.

Mas antes, sobre essa tradição do discurso, quando direcionado a “mulher feia” gera abstração, sem consequências, agora quando direcionado à celebridade, gera desculpas, quando não há perdão, gera demissão. Analisando os arranjos simbólicos por trás da tradição disso tudo, tais pressupostos não confrontam a ordem das coisas, o humor defendido na resposta do apresentador é um tipo de riso *aconselhado*, ele funciona conforme o julgo de sua época e sociedade, nada muito diferente das épocas anteriores, trata-se do humor que não abala a crença de quem interpreta o discurso.

Freud em 1927, em um congresso de psicanálise, o autor com muitas delongas diz que o riso tem algo de libertador, mas possui também uma determinada grandeza intelectual, que faltam às outras maneiras das relações humanas a fim de obter prazer da atividade intelectual. No triunfo do narcisismo que reside essa grandeza, na afirmação vitoriosa da invulnerabilidade do ego. O ego se recusa a ser afligido pelas provocações da realidade, a permitir que seja compelido a sofrer. Insiste em que não pode ser afetado pelos traumas do mundo externo; demonstra, na verdade, que esses traumas para ele não passam de ocasiões para obter prazer. Essa discussão de Freud é importante, pois por mais que possamos rir de nós mesmos, há fissuras, em nós, na sociedade. Freud diz que o humor operará por meio do superego como um pai, o ego é descrito por ele como “aparência senhoril”, algo próximo do conservador, este (o superego) agiria no sentido de proteger o ego do real.

³Nesse ponto é importante apontar que a figura do comediante não é para ser criticada, mas usada como parâmetro de uma postura bastante presente nas redes sociais, do *riso aconselhado* que será discutida ao longo desse capítulo.

⁴ Reflexão inspirada na tirinha de Laerte Coutinho que se encontra nas referências.

Se o real incomoda e se o desejo do indivíduo por quaisquer que sejam seus motivos seja livrar-se dele, o mesmo se desembaraça simbolicamente de uma maneira mais flexível, graças a um modo de percepção do olhar do outro para si, tal olhar configura entre aceitação e repulsa pura e simples: que não diz nem sim nem não à coisa determinada percebida, ou, imanente diz sim e não ao mesmo tempo. Sim à coisa percebida, não às consequências que normalmente resultam dela. Não é que o indivíduo se recuse a ver, não há espaço para ingenuidade, não nega em nada o real que o é mostrado, entretanto sua complacência para por aí, não o peçam que compreenda mais. Quanto ao restante ele manterá seu ponto de vista, persiste em seu comportamento exatamente como se não tivesse visto nada, afinal, era só riso.

Mario Perniola (2000) discute sobre a iconófila e iconoclastia renascidas nos dias de hoje, particularmente em relação à imagem social. Os iconófilos contemporâneos são os realistas e os hiperealistas dos meios de comunicação; os iconoclastas são os hiperfuturistas da autenticidade e da verdade alternativa. Tal noção é oportuna, quando a comunicação amplia a discussão através da análise de Perniola, a iconófilia moderna consiste em defender a necessidade de nexos íntimo, de uma relação de estreita afinidade entre a notícia publicada no jornal e o fato ao qual se refere, entre a imagem oferecida pela publicidade e a mercadoria anunciada, entre a propaganda do partido político e sua realidade social, entre a transmissão televisiva e seu objeto; em suma entre a imagem e o original.

A sociedade humorística no pensamento de Gilles Lipovetsky (2005) na “pós-modernidade” dialoga com o reconhecimento do risível que há no cotidiano, há manchetes, jornais, slogans publicitários, heróis cinematográficos, teses acadêmicas, o tom sério perde espaço para um tipo de texto mais levado nas piscadelas, jogos de palavras para pessoas que falam a mesma norma culta e leem os mesmos autores, semelhante ao tipo de escrita utilizada aqui. Gilles é famoso por sempre pensar a propaganda como uma grande falência das grandes narrativas organizadoras da vida social, o homem contemporâneo não levaria mais nada a sério, se o autor é crítico ou cômico a respeito disso, cabe à interpretação de quem o leu, mas soma-se isso também a ensinamentos e personalização, alheio aos grandes discursos, o homem não se veria em qualquer outra coisa que não em si mesmo, e nesse processo tenderia, cada vez mais, a fechar-se sobre si próprio.

Voltando para Perniola (2000) os realistas modernos possuem uma indignação contra a manipulação de notícias, a persuasão oculta, as promessas eleitorais não mantidas, a tendenciosidade televisiva, e por fim o limite do humor. Há um coletivo que exige uma informação honesta e completa, um controle da publicidade, uma publicidade feita através dos

fatos, uma televisão que transmita a verdade ao vivo. Acreditam que os meios de comunicação de massa devam ser subtraídos ao uso partidário e sectário que deles faz o poder, que sejam potencialmente democráticos e constituam instrumento essencial de progresso e crescimento cívico. Acreditam que a verdade possa e deva ser comunicada e difundida, divulgada e transmitida sem que sua natureza seja alterada. Esse caminho é o mais perigoso, moralista e se fecha em suas próprias verdades, encontra sempre justificativas para justificar os xingamentos a princípio debatidos.

Os resultados dessas exigências (descritas no parágrafo anterior), Perniola (2000) vai além ao questionar a produção e a expectativa ao inferir: O que é que os meios de comunicação oferecem em resposta a tais expectativas? Uma imagem mais realista possível, uma imagem que é vendida como sendo idêntica a realidade, ao conteúdo, a original, mas que é tão manipulada, predeterminada e pré-formada quanto qualquer outra, isto é, uma imagem hiper-realista que reflete fielmente uma hiper-realidade anteriormente pensada. Esse contorno teórico compõe um gênero – convergindo com as noções de hiper-realidade de Lipovestsky (1986) – social e que as notícias relativas constroem uma aparência produzida de acontecimentos sensacionais, truculentos ou dramáticos. Produzidos simbolicamente, pela composição de signos, para influir sobre a opinião pública; é possível visualizar na publicidade que anuncia a própria autolimitação e o próprio autocontrole em nome do progresso, a política de austeridade econômica que pretende restaurar a distinção entre útil e inútil e a concretude do valor de uso os objetos, os programas televisivos que alteram e confundem personagens reais com atores que os imitam. Para Perniola (2000) esse hiper-realismo social proporciona uma imagem real só com a condição de criar uma realidade inteiramente subordinada à imagem.

Perniola (2000) conclui que a exigência de uma imagem intimamente ligada à realidade apenas amplia o âmbito da manipulação. Quanto mais reclamam a visão da realidade, mais essa realidade perde a sua dimensão real, se torna alucinante semelhança do real, mas com status de “notícia” que se assumem infinitamente mais importante do que a sua realidade. A publicidade que se autolimita é uma publicidade mais “eficaz”, mais fácil de justificar; a restauração política do útil e do valor de uso possui apenas um valor de signo, é uma imagem de propaganda.

E por fim, o discurso “é apenas uma piada”. O sentido desse termo é fraco, conservador. Por conta disso, essa risada servil, *aconselhada* e consonante com as expectativas do discurso dominante, em suma a gaiola nunca fica escondida. Bastos e Gentilli,

durante a virada cultural em São Paulo, apresentaram em um palco em frente à Catedral da Sé. O riso ali, na praça, talvez não se afaste tanto dos cânticos santos escutados lá dentro da igreja.

3 SEGUNDA ABORDAGEM

3.1 A violência contra si no discurso do normal e do anormal.

Paulo (nome fictício) sofre de depressão, ansiedade, síndrome do pânico e esteve boa parte da adolescência em hospitais psiquiátricos. Paulo chegou a anunciar em seu facebook que iria se matar antes de ser internado. *Meu pai me bateu e eu tentei cortar meus pulsos, ele me odiava porque sou afeminado.* Foi à terceira tentativa de suicídio de Paulo nessa época com dezessete anos, hoje ele está com vinte e três. Conta em seu blog que digitou algumas palavras de sua tentativa de suicídio com os pulsos abertos, e isso teve uma repercussão que aumentou o número de acessos em seu blog, coisa que acabou por motivá-lo a continuar escrevendo. ⁵*Ter depressão não é bonito, apesar de ouvir muitas pessoas acharem que é algo passageiro, não é, eu dormia mais de doze horas por dia, não tinha vontade de levantar, viver preso em si não é bonito, nessa época eu estava tão perdido, vou te contar aos poucos, não consigo seguir uma linha, então posso adiantar o final algumas vezes.*

Na infância Paulo foi vítima de bullying sobre seu peso e sua sexualidade, foi agredido, e na adolescência, devido um vídeo íntimo vazado na internet, virou motivo de chacota. Sua primeira relação também foi abusiva: *Relacionei-me com um homem de cinquenta e quatro anos, eu tinha quinze, e achava que ele iria me salvar dos meus pais preconceituosos e me tirar da escola, me levaria para morar com ele no Rio Grande do Sul, ele aparecia na cidade somente nas férias, na verdade acho que eu tinha catorze anos.* Nessa época Paulo já tinha se assumido homossexual e nunca tinha tentado o suicídio. *Quando ele terminou comigo, vasculhei a vida dele, descobri que era casado, quando ameacei contar para sua esposa nosso relacionamento ele me agrediu, ele não fez só isso, não estou confortável pra contar tudo, espero que você entenda.* Machucado e com vergonha de aparecer para sua família, Paulo tenta se matar pela primeira vez, é internado, e não conta nada sobre o ocorrido, porém quando volta para casa começa se automutilar. Seus pais acharam que ele tinha simplesmente brigado na rua.

Na faculdade conheceu um rapaz chamado Eduardo (nome fictício) que não se assumia homossexual, em uma festa, ambos bêbados acabaram fazendo sexo, Eduardo pela manhã agrediu Paulo, que pela segunda vez tentou se matar. *Não tinha mais jeito, tive que me assumir para os meus pais, eles já sabiam, e me mandaram ir morar com minha avó.* Volta a

⁵ As falas de Paulo, assim como as de Amanda, seguem em itálico. Seu termo de consentimento também está disponível para consulta.

se mutilar, sua avó o aconselha buscar ajuda em uma religião, hoje Paulo é espírita e mantém um blog onde escreve alguns relatos. *Meus erros me fizeram o que sou, e estou satisfeito com o que sou hoje.* Diz e sorri. Paulo também é dragqueen. Começou viajar para São Paulo com alguns amigos que fez na faculdade e se apaixonou por esse mundo. Após o evento do abuso, Paulo começou a escrever contos na internet, e rapidamente ganhou um número de leitores, ele escreve até hoje com um pseudônimo e não quis comentar a fundo sobre seu blog. *Tudo aquilo que vivi transformei em arte, pesado e experienciado por mim, aqui não consigo te contar tudo, e nem gosto de ficar lembrando, mas eu gosto de coisas assim, intensas, e que foram vividas, pretendo ser escritor.*

A terceira tentativa de suicídio de Paulo, contada brevemente no primeiro parágrafo, é um resultado de uma crise de depressão que enfrente até hoje. Seu discurso não simplifica uma forma de subjetividade que se antecipa e que configura uma determinada singularidade, observe Amanda, por exemplo, que encontrou apoio em celebridades e grupos em redes sociais. Paulo, por sua vez, encontra apoio quando se assume *anormal*, e alguns elementos e modos que compõem na medida em que são enunciados e organizados em seu relato expõem que cada narrativa provoca diferentes modos de ser, não cabe de forma alguma *estetizar* o relato de Paulo, pelo fato dele ter sido breve e conciso, só cabe respeitar. Para Foucault (1984) a confissão é um ritual do discurso em que o sujeito que fala corresponde ao sujeito enunciado. Tal ritual desenvolve uma relação de poder, pois não se confessa sem a presença de um parceiro. Esse parceiro não é simplesmente o interlocutor, mas ele funciona como a instância que requer a confissão, é esse segundo que impõe, avalia e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar e reconciliar, isto é, um ritual em que a verdade é autenticada pelos obstáculos e resistências que teve de suprimir para poder manifestar para o interlocutor. Esse ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas, produz uma articulação de modificações intrínsecas, inocenta, resgata e purifica, livra de suas faltas, libera e promete a salvação.

Ancorado por Foucault (1982) ao longo do relato é despertada a possibilidade de pensar o que possibilitou o bullying ser *a princípio* enxergado como um conceito eficaz para traduzir o imaginário contemporâneo levantado por Paulo, entretanto não é objetivo analisar o que o levou sofrer violência, é obvio que ele foi vítima e isso o prejudicou em diversas instâncias. O objetivo é pensar as consequências que passaram por um processo narrativo de violência simbólica que foi à *tentativa* moderna de instaurar o bullying como agressão. Isso mostrou que não só há violência enquanto há agressão física, pois atualmente soma-se a parte

simbólica no ato violento, contra si ou contra o outro. Naturalmente o conceito iria se encaixar em diversas realidades que ansiavam uma tradução de um imaginário coletivo com inúmeras fissuras, agora tendo acesso ao conceito do bullying, tal ideia é particularmente associado a diversos tipos de ambientes, entretanto, a partir de então se passa a considerar a agressão verbal como violência, é oportuno observar que a passagem para o verbal, isto é, do corporal ao psíquico, vincula esse conceito a violência simbólica ao núcleo da moralidade contemporânea, agora a violência engloba discriminação baseada em gênero, raça, orientação sexual, aparência e religião.

Partindo para a *tolerância*, conceito bastante presente na moralidade ocidental, parte da ideia de que esse aspecto tolerante não vigora mais como vigorava, há muitas narrativas para explicar a tolerância, isso explicaria, a princípio, o motivo de o bullying ser tão presente na mídia contemporânea, afinal a mídia colocará um padrão normal vigorante e o conceito bullying não está livre de ser hierarquizado e comerciável. Segundo Foucault (1982) cada um acredita que tem uma potencialidade de ser anormal na sociedade, é uma espécie de crença em uma determinada subjetividade que se alimentada tornará aquele indivíduo anormal, funciona como um tipo de controle subjetivo para que os indivíduos busquem sempre consonância com um determinado imaginário normal.

O então indivíduo é objetificado, pois ele se objetifica. Uma interpretação bastante corriqueira no imaginário da publicidade, em que objetificando os desejos dos indivíduos é possível tornar os desejos traduzidos como objetos em respostas que possibilitariam aos desejos incompletos serem completos, no fim se mostra como ética pulsante na publicidade sendo vendida a publicitários que acreditam muito em si mesmos. O indivíduo separa uma parte de si mesmo, tal parte que o faria anormal, para se tornar de antemão um objeto que sua consciência controla e limita. Esse limite particular que o indivíduo acredita que o separa de ser anormal; é também a limitação de sua experiência, essa que o indivíduo pode ter de si e do mundo.

A *tendência* é desejar ser o que é culturalmente valorizado. A hierarquia, que é ponto de partida da discussão sobre violência simbólica aqui, entende que a maioria dos indivíduos preferem ser normais, e quando um anormal surge, ele é rapidamente *violentado* e enquadrado seja pelo imaginário ou por qualquer outra interpretação de coletivo, ou em uma interpretação mais abstrata por si mesmo. Pelo fato dos anormais darem corpo aos desejos socialmente desviantes, e pelo fato de que os modernos não se limitarem a fazer o que a cultura lhes propunha como válido, isto é, um indivíduo adentraria o anormal sempre que o desejo de

fazer algo desviante despertasse, não porque se tratava apenas de desejar ou realizar ação desviante, como o indivíduo que se autolimita, mas se por ventura existir um vínculo nos atos que se pratica ou que se sonha em praticar, por exemplo, para Foucault (1984), o sodomita na idade média era somente alguém que tinha sido descoberto praticando um ato proibido, já na modernidade, quem não deseja o que se deve é para ser concebido como um doente, como alguém que agiria corretamente se não fosse vítima de movimentos internos mais fortes do que sua consciência e vontade, alguém que, em vez de ser castigado, deve ser ajudado na forma de tratamento de cura.

Já não é tão crítico dizer que a consciência é o “organismo do rebanho”, ancorado por Nietzsche (1878), ela é o que cada indivíduo se propõe à medida que se domestica, e reflete sobre o que faria com que ele seja como aos outros; portanto, parte da apreensão e apropriação das regras sociais de uma forma de “descoberta da verdade”. A distância do anormal é imediatamente o que o indivíduo deseja fazer, e o que sua consciência diz que ele deve ser. O temor da anormalidade desdobra-se como inquietação interna com o próprio desejo. Pensar significaria uma inquietação como uma parte de si que conduz o indivíduo sobre o que deve ser, o que deve sentir e qual o valor do que faz ou deseja fazer, isto é, pensar reduziria a obstinação de desmascarar, delimitar e dominar parte de si que pode fazer de alguém um anormal. Novamente trazendo Foucault (1982) pensando pelo e medo e esforço de controlar o desejo, o temor da anormalidade é uma forma de domínio da consciência, a culpa, a vergonha, são emoções de paciente, e ao experimentá-la não é feito nada para vincular uma ação a uma emoção, ou seja, mesmo que faminto, se um indivíduo está em uma reunião formal, irá controlar seu apetite e não demonstrar descontrole tendo em vista o desejo de não ser deselegante.

Refletir sobre emoções fazem o indivíduo pensar quem ele é, e faz com que o sujeito coloque seu ser em questão. A vergonha requer uma presença, real ou imaginada, do olhar acusador de outro indivíduo que preza ou respeita um imaginário determinado repleto de valores e moral. As sociedades que predominam a vergonha como emoção socializante são sociedades onde regras morais restringem os atos na forma que manifestam, elucidando isso tudo, é como se algo que foi feito e pode ser visto, excluindo tudo o que é inacessível ao olhar do outro, como sensações e imagens e segundo a opinião que os outros possam ter uma passagem da vergonha à culpa como emoções socialmente predominante corresponde à internalização e identificação do indivíduo com o olhar do observador externo que incorpora valores sociais positivos. O mesmo observador que antes era visto como indivíduo, mesmo

quando sua vigilância e censura eram apenas imaginadas, agora com o surgimento da culpa é o resultado de um processo onde o indivíduo não tem mais nenhum destaque com determinadas regras sociais, ou seja, acredita nelas, pensa que as descobriu e que obedecê-las vale para qualquer indivíduo em qualquer lugar e momento, para Foucault (1984), crer na verdade é um elemento crucial no processo de identificação da distância e a busca incessante entre o indivíduo e os valores da cultura em que vive.

A articulação entre a humilhação nas experiências de violência simbólica, e o conceito de autoestima discutido no capítulo sobre o riso, estabelece um nexu entre passado e presente. Primeiramente, na relação do sofrimento que o indivíduo suporta, a psiquiatria e os manuais de autoajuda supõem que a baixa autoestima está associada a diversos transtornos psíquicos, como a depressão e a fobia social, e comportamentos socialmente negativos, como o fracasso na escola e no trabalho, além de articular presente e passado, a mudança no conceito de violência também generaliza a possibilidade do indivíduo ter sido vítima de violência simbólica. A indeterminação do passado, isto é, a possibilidade de que uma experiência ou cena vivida possa ser objeto de mais de uma narrativa, permite que muitos indivíduos, se precisarem explicar o que vivenciaram, apreendem o que lhes aconteceu como uma experiência, e reescrevem o passado não porque descobriram coisas demais sobre ele, mas porque há possibilidade de apresentar novas narrativas, explanando, em uma cena onde crianças apelidam uma as outras pode ser descrita como conflito, pela experiência vivida por determinados indivíduos, essa mesma cena pode ser descrita como bullying.

Lutando contra o seu desejo e escutando seu *espírito* para não ceder ao anormal, o indivíduo violentado por si mesmo não se vê como alguém que está seguindo modelos propostos pela cultura moderna, acredita que está lutando para ser se salvar, para poder viver em sociedade. Se o indivíduo não acreditasse na existência de loucos, pervertidos, etc. e que eles são do jeito que são por fazerem o que não se deve; o indivíduo não lutaria contra o que quer. E ao se esforçar para ser normal, lutando contra os impulsos de seu corpo, acredita estar exercendo a liberdade com a finalidade de se salvar ou de se aprimorar, embora esteja limitando suas possibilidades de ser e agir. Ao invés de aprender com a experiência experimentando, o indivíduo moderno se esforça em se anular e se limitar e acredita que o potencial de anormalidade reside em seu interior.

O consumo da verdade de uma cultura é um processo social, observado na angustia pelo o que o indivíduo deseja, e por temer os resultados de seu desejo o indivíduo procura

ajuda, e ao encontrar, partedos resultados são as instituições de poder e de controle, *homens*⁶ que ajudam a seguir o caminho certo, esses *homens detentores da verdade*, sabiam qual era a verdade, mas mais importante que saber a verdade, eles sabiam o que a verdade significava para cada um, incluindo para si próprios, por conta disso, reuniam neles mesmos a legitimidade, o rigor e autoridade e o desejo de cuidar. Portanto esses homens serão reverenciados, e orientarão as pessoas caso o corpo queira ceder, e moldarão a consciência do indivíduo. Outra variável aparece, o espírito, e para Foucault (1982), o espírito se transforma em algo prescindível, pois o indivíduo está “curado” ao ter contato com o espírito: ele não precisa mais ser vigiado, por que o espírito vigia, afinal o espírito, que é parte do indivíduo, sabe mais que o indivíduo, e o indivíduo acredita que o espírito (que para Foucault é parte anexada de sua *consciência*) sabe mesmo, o espírito assimila melhor os valores, afinal ele não precisa viver os valores, ele não sente as fissuras no imaginário individual, ele não tem corpo humano, o espírito apenas o acata e orienta, então, o indivíduo, preso ao corpo, precisa escutar seu espírito, fornecido e educado pelos *homens detentores da verdade* que internalizaram no espírito do indivíduo valores sociais úteis para um tipo de controle.

Por mais que o discurso do normal e do anormal sejam coisas presentes no imaginário criticado em questão, o relato de Paulo não pretende expor tais circunstâncias como um caráter de alarme ou colocar a experiência ou a produção de textos de Paulo como algo problemático, tudo é mais individual do que parece, e está no cotidiano.

3.2 O Cotidiano estético

A modernidade configurou uma variável distinta na sociedade contemporânea, atualmente qualquer referência, para existir, precisa ser relativizada, portanto para compreender o consumo, os desdobramentos do simbólico, narrativas, pós-moderno, etc. é caminhar por uma corda bamba, cada conceito à medida que se desmancha precisa ser resignificado, quase que voltando a ter um equilíbrio. Conceitos fechados cada vez menos se mostram necessários, na medida em que um conceito aberto gera discussões, problematização, é ansiado por um imaginário coletivo, etc.

Norwegian Wood (1984) é um romance do popular escritor japonês Haruki Murakami, seus livros são sucesso em seu país, mesmo o autor sendo uma figura reclusa e influenciado pela cultura ocidental em outros livros, mas aqui suas ideias permeiam e traduzem um

⁶ A palavra *homem* aqui não quer dizer respeito a indivíduos do sexo masculino, mas a um conceito que direciona o pensamento ao ritual da confissão do anormal, sendo parte da concepção ancorada por Foucault.

imaginário contemporâneo, particularmente o japonês, sem igual. O romance leva o nome de uma canção dos Beatles referência à música preferida de um dos protagonistas. Quem narra a história é o jovem Toru Watanabe, o livro é uma experiência de rememoração do personagem, e começa contando a história de Watanabe a partir dos 16 anos, sobre sua amizade com Kizuki, seu melhor amigo, e Naoko, a namorada dele. Com o recurso narrativo do plano sob plano, acompanhamos Watanabe⁷ por diversas relações de sua vida, sem seguir necessariamente uma linearidade de sua vida. Então já o vemos como estudante universitário cursando Artes Dramáticas, morando num alojamento, conhecendo Mídori, uma secundarista, figura importante em sua vida, e personagem fundamental para o desenvolvimento da narrativa.

O livro é estruturado de uma forma que incomoda quem está acostumado com obras do ocidente, o ritmo é próprio, e a relação dos personagens com seus sentimentos; é permeada por uma *indiferença*. Ao decorrer do livro, a expectativa de algo romântico preenche o imaginário do leitor, parte disso vem de uma pré-disposição narrativa de esperar um desfecho romântico, coisa presente no ocidente, mas a indiferença do livro, que chega a mostrar o suicídio de Naoko como algo que simplesmente aconteceu; de repente o leitor sabe que um personagem se suicidou, e isso nunca esteve presente como um grande momento da narrativa, não houve preparação, não houve clímax, nem fetização do sofrimento dos que conviveram com Naoko, a violência que essa personagem sofreu, simplesmente não é narrada.

Bakhtin (1965) diz que o surgimento do romance corresponde à inserção das peculiaridades de um povo. Em análises históricas, linguísticas e literárias o autor explica que o casamento esteve em sua origem atrelado aos negócios com advento da igreja católica. O amor que o leitor espera só vem “surgir” na medida em que o amor “cortês” começa permear as narrativas da época, mas esse só foi consumado no trabalho dos trovadores no qual o homem idealiza a mulher em uma visão estritamente masculina de feminilidade, como se a mulher precisasse ser sempre salva e sempre estaria frágil em relação ao homem. Naquela época as narrativas sobre o amor estiveram enraizadas nessa idealização da mulher como algo quase inalcançável, exemplo, *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (1774) de Goethe, Werther marcado por uma paixão sem medidas e tempestuosa, mesmo que correspondido em seu amor por Charlotte, se vê impossibilitado de consumá-lo, primeiramente, pois Charlotte está prometida a outro homem, entretanto Charlotte é sempre exposta como o objeto do amor de

⁷ Uma linha narrativa repleta de interlúdios, que são reflexões de Watanabe sobre si mesmo, esses planos fazem a história não seguir uma linearidade, já que várias vezes ele conta sobre o que acontecerá em alguns eventos que não ocorrem da maneira que foram anteriormente pensados.

Werther, o personagem não a enxerga com indivíduo e se seu mundo desaba diante dessa impossibilidade, resultado, o sofrimento de Werther é tamanho que o leva ao suicídio. Ao longo da modernidade o amor se estabelece em detrimento desse tipo de narrativa criada pelos românticos, influenciados por toda uma idealização do amor, da mulher, do herói e do incessante desejo de buscar a completude em outra pessoa.

Em Norgewien Wood não será encontrado a busca de um amor romântico, o leitor só vai se deparar com uma solidão individual, não há sequer espaço para o amor romântico na visão dos personagens. Ainda no livro é mostrada a juventude no Japão dissipada em suas crenças e arremessada para dentro da cultura ocidental. Murakami consegue retratar que o orgulho japonês, tão presente nas obras de Yukio Mishima, veio se fragmentando e os jovens, como Watanabe e Midori, não veem o Japão com orgulho, mas com indiferença. Na época que o romance acontece o país é retratado como uma nação destruída que se reergueu mediante padrões liberais, entretanto, jornadas de trabalho abusivas são reflexo do crescente número de suicídios no país, e a atmosfera fascista escolar vivenciada pelos personagens é outro reflexo. O Japão esvaziado de suas narrativas é infiltrado por uma nova moral, uma juventude deslocada é apresentada, exemplo do não-pertencimento presente nas narrativas contemporâneas e existencialistas. A economia é a única referência do país, e é mostrada uma geração gozando de uma situação privilegiada, mas em constante sofrimento; Watanabe sempre descrito como alguém que queria ser escritor, se depara que simplesmente não há nada que possa escrever. A virada narrativa parte do que vem a ser uma experiência estética do cotidiano, foi na contemplação, em uma visão minimalista e no desprezo de grandes narrativas que acontece a compreensão dos personagens sobre eles mesmos como criaturas imperfeitas que não se completam mediante o outro, simplesmente são.

Onfray (2006) no primeiro volume do *Contra História da Filosofia* estuda um cenário em que os gregos lutam contra uma ruína iminente de sua civilização, Epicuro decide então voltar para *kepos*, seu jardim, para cultivar o prazer da amizade, sabedoria, das longas conversas, do vinho, etc.. Sua escolha hedonista é parte do pensamento de Onfray, e contribui para seus contemporâneos, tanto de Epicuro como de Onfray, olharem tal atitude como algo dissimulado, alienado e para condená-lo moralmente. Entretanto, Epicuro percebeu a possibilidade de sua realização à margem das coisas instituídas, ele olhou para as macroestruturas sociais, falidas ou não, mas injustas, fatais e fascistas, e decidiu-se pela dimensão do pequeno, cotidiano, da auto realização, de um tipo de criação de si. Epicuro não se mostra messiânico, sua decisão não teve como objetivo livrar as pessoas das estruturas

sociais, afinal, ele apenas decidiu-se por um tipo de dimensão estética da existência, na qual escolheu sua afirmação sem se preocupar em predominar ou vender sua escolha como a correta.

Epicuro é famoso por dizer “E o caos veio do que?” aqui ele é uma crítica, mas a reflexão de Murakami, trazendo novamente Watanabe e Midori pertencentes a uma visão que percebe a brevidade da vida, e apesar de todo o sofrimento e desconforto que passaram ao longo da narrativa, chega certo momento que Midori, diante de uma constatação da impossibilidade de alterar a condição que estavam vivendo, percebe que só lhe restava passar pela vida, e nessa breve passagem, afirmar suas escolhas, se essas escolhas podem ajudar outras pessoas, isso seria outra escolha de Midori, e conseqüentemente na consonância de que também seja escolha de outras pessoas. O beijo entre Watanabe e Midori só acontece quando os mesmos se veem diante de um prédio pegando fogo, impossibilitados de ajudar e Watanabe impossibilidade de esquecer Naoko. Murakami encontrou no cotidiano a possibilidade de retratar as experiências que acontecem nas coisas mais pequenas e comuns no sentido da existência, sentido que é mais experiência de existir, que propriamente no conhecimento ou finalidade.

Tudo isso não se restringe a realidade japonesa, podendo essa narrativa ser lida nos jovens brasileiros inseridos em uma realidade escolar, que em vez de educar, restringe seu papel em preparar para vestibular, mercado de trabalho, etc., isto é, funções que reduzem a experiência e caminham na direção de um pragmatismo cuja ação é destituída de sentido individual. Refletir sobre tal problema na sociedade atual, parte predomina também a literatura brasileira, temos exemplos de Daniel Galera no livro *Cordilheira*, em Luisa Geisler no *Luzes de emergência* se ascenderão automaticamente. À medida que o estudante apreende que seu horizonte se resume na escolha de sua profissão que seu curso superior o guia, e uma vez no mercado de trabalho, sua existência se resume a sua função, de tal modo que sua realização pessoal estará dependendo de sua realização profissional, é necessário regressar a Foucault (1970) que é perspicaz ao intuir que o individualismo é cada vez mais vendido como discurso de poder, o autor intui mais ainda ao perceber que a condição social como estado de incredulidade em relação às metanarrativas.

A produção e consumo do que Bourdieu chama de ‘capital simbólico’, que pode ser definido como ‘o acúmulo de bens de consumo suntuosos que atestam o gosto e a distinção de quem os possui’. Esse capital se transforma, com efeito, em capital-dinheiro, que ‘produz’ seu efeito próprio quando, e somente quando, oculta o fato de se originar e seu efeito próprio quando, e somente quando, oculta o fato de se originar em formas ‘materiais’ de capital’ “(BOURDIEU, 1968, p.80)

Pierre Bourdieu (1968) percebe o gosto como incorporação de certos preconceitos, essa desconfiança de Bourdieu de que nenhum gosto escapa aos jogos de poder não presta também tributo a outros tipos de jogos? O problema desse imaginário que enxerga a indústria cultural e o consumo sempre oferecendo gostos pré-fabricados, inautênticos, que alienam das relações de dominação que as ordenam. Quem determinou o gosto autêntico e o alienante? Tudo nesse tipo de pensamento é preenchido por um gosto ao esclarecimento, ignorando experiências interpretativas em prol de um sentido fixo que se coloca acima dos outros, e que possa ser vendido como discurso dominante.

Ao mesmo tempo em que uma perspectiva que enxerga as coisas pequenas e comuns como distração, como se a vida fora do trabalho fosse passatempo, se confunde com o consumo, isto é, a capacidade financeira que o indivíduo possui ao adquirir objetos é reflexo de sua satisfação pessoal. Murakami percebe tal questão em sua narrativa, e não é difícil perceber que a crítica de Epicuro caminha nessa consonância. Indo além e nessas questões levantadas por Foucault (1968) na *Ordem do Discurso* em sua empreitada para entender as noções estruturalistas, são as coisas pequenas e comuns que dão sentido à vida da maioria das pessoas, é pela potencialidade e possibilidade da criação de sua própria narrativa que as pessoas experimentam as coisas. Não é a função que exercemos na sociedade que nos diz quem somos, nossa função na sociedade ou no trabalho deveria ser dita por nós o que significa para nós mesmos.

Foucault (1979) regressa em sua descrença no mercado, diferente de muitas leituras da obra do autor, a ideia de sobrepujar o mercado está praticamente fora do horizonte de escolha mediante a estrutura social do homem contemporâneo, mas mesmo que impossibilitado, tal mentalidade não enxerga o mercado como ditador dos sentidos da existência, sob o *Risco* do indivíduo se tornar produto. Antes disso, o indivíduo é produtor de sua narrativa, sentido, e antes de consumir objetos, conceitos seja diante de qualquer imaginário coletivo, ele consome sua própria vida que atravessa indiferente em sua brevidade enquanto passa por ela. Ainda em Foucault (1980) para fazer ponte com as obras citadas ao longo do texto, a arte não deve ser apenas a dos objetos, mas também da vida, vida essa que como obra de arte se sujeita como sua afirmação, em Murakami, se mostra como o amor fático, ou seja, amor pelo destino, não como um futuro preestabelecido, mas como sentido que o indivíduo dá a sua própria história somando as decisões e experiência que teve.

Durand (1994) enxerga tais indagações como trajeto antropológico, são os sentidos que se dão a partir da troca incessante entre pulsões subjetivas e intimações do meio social.

Para o autor toda essa relação significou que o sentido não é dado ao indivíduo, mas reside numa instância exterior, e instaura essa troca mediante a consonância dessas duas esferas. Regressando no pensamento teórico ao longo do trabalho, são nessas fissuras que as trocas se tornam possíveis, é nessa percepção de troca que observamos a experiência estética, e classifica-la aqui, nada mais seria que um jogo de linguístico.

Mas a questão debatida ao longo do trabalho ainda não se concluiu; como pensar tais questões mediante toda a poderosa racionalidade? Feyerabend não se encaixa aqui para questionar o método. Não há método. Nesse capítulo sequer a violência é tratada como violência, não há relatos, mas após tais indagações, ainda resta pensar uma compreensão dos indivíduos, personagens, notícias que construíram o trabalho até aqui? Exponhamos que é no domínio estético que a ciência, linguística, isto é, o conhecimento se expressa; que esses domínios do saber forneçam os meios de compreender as coisas, mas não os transforme em discurso, isto é, instaurar que o conhecimento não seja uma profusão de conteúdos programados, não recusar e acusar tudo e todos, afinal o sentido de um texto não está nas entrelinhas, ele está diante do próprio texto na relação de quem o lê.

Foucault (1988), por fim, já mostrou que o sentido não é arbitrário, não é necessário levantar essa carta, essa ideia já está aqui exposta, mas ainda que culturalmente partilhado, o sentido está no meio de um leque limitado de possibilidades, ainda que não possibilite tantas combinações, reitero que uma percepção das narrativas dos indivíduos, afinal são essas narrativas que pressupõe que é possível contrapor valores fascistas da sociedade, aos que estiveram presentes no relato de Amanda e Paulo, nas notícias, no riso, nas indagações sobre violência; tudo isso serviu para mostrar que não é preciso demolir estátuas, exterminar deuses ou fazer revoluções, essas são dimensões narrativas que já não mobilizam nenhuma crença, as narrativas mudaram, é possível voltar à atenção ao indivíduo, para as escolhas e assim assumir que cabe apenas escolher, e o que há por vir, mudança.

CONCLUSÃO

É observada imanência no decorrer, semelhante ao conceito de *dasein*, das obras, ensaios, relatos independente do discurso; como se o mundo não se alterasse mediante as narrativas, mas as narrativas se alterassem mediante o mundo; a violência simbólica é cada vez mais comparsa e ofuscada na profusão teórica, e não diz respeito a valores que predominantemente usados para representá-la, esse conceito (violência simbólica) faz parte de algo imanente na composição e experiência do indivíduo para determinar a relação de consumo/relação social, seu consumo produz ritual, tal ritual é apreendido pelo coletivo, criando uma estética que é almejada por terceiros, tal experiência é única para aquele indivíduo fruto de suas construções, porém outros ao almejarem a mesma experiência simbólica filtram a violência, consomem a violência para construir narrativas repletas de interseções que são articuladas por obras e por manifestações simbólicas na própria memória do indivíduo.

Os relatos são uma tentativa de expor a ideia aqui apresentada de uma maneira mais individual, aqui o fator da ciência e da razão como circunstâncias absolutas e predominantes na passagem da modernidade não são requisitados, o foco é no indivíduo, o discurso dos autores que pretendiam usar a violência simbólica como moeda social para vender discursos fascistas e totalitários sequer serão citados aqui, não é o foco, a academia está cheia de fórmulas que reúnem diversas variáveis e transformam uma circunstância social em um produto ou equação, não é o objetivo desse trabalho. Os relatos não podem ser somados aos conceitos que foram usados e transformados em uma solução, eles são resultados de experiências, assim como os autores aqui abordados configuram uma tentativa, por mais trágica que seja, de tentar enxergar uma possibilidade de compreender algo no meio de uma inúmera profusão de incertezas.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e a Filosofia da Linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. (Sem citação, ainda pretendo colocar, mas preciso entender melhor o texto)
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. (a interpretação que uso de “simbólico” é a do Bourdieu.)
- DURAND, Gilbert. **L’Imaginaire. Essai sur les sciences et la philosophie de l’image**. Paris: Haltier, 1994.
- FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009
- FOUCAULT, Michel. **A palavra e as coisas**. São Paulo: Edições 70, 1991.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: I a vontade de saber**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: II o uso dos prazeres**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: III o cuidado de si**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. 7. ed São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. São Paulo: UESB, 2010. Disponível em: <<http://www.uesb.br/eventos/pensarcomfoucault/leituras/o-sujeito-e-o-poder.pdf>>
- FREUD, Sigmund. **O humor**. X Congresso Internacional de Psicanálise, 1927. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/288318712/FREUD-O-humor-pdf>>
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 25. ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2005.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**. 4. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2014.

MURAKAMI, Haruki. **Norwegian Wood**. 2. ed. São Paulo: Alfaguara, 2008.

NIETZCHE, Friedrich. **Humano demasiado humano**. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ONFRAY, Michel. **Contra história da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

PERNIOLA, Mario. **Pensando o ritual**. São Paulo: Studio Nobel, 2000.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário(a), do estudo que tem como pesquisador responsável o aluno de graduação Matheus Raimundi, do curso de Comunicação Social com ênfase em Publicidade e Propaganda, do Centro Universitário do Sul de Minas, que pode ser contatado pelo e-mail matheusrai2010@hotmail.com e pelo telefone (35)9886-50582. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas para levantamento de relatos, visando, por parte do referido aluno a realização de um trabalho de conclusão de curso.

Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será transcrita em discurso narrado como um relato ao longo do texto. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. O aluno providenciará uma cópia do trabalho final para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Assinatura

Lambari, ___ de _____ de 2017